

GERAÇÕES DE ARQUEÓLOGOS DE VIANA DO CASTELO

Por CARLOS A. BROCHADO DE ALMEIDA*

A arqueologia é uma ciência, do domínio das ciências sociais e humanas, fundamentalmente uma ciência do que é antigo. Assim a definiram os gregos, assim a pensamos nós mesmo quando os objectos com que "mexemos" são "lixos" de sociedades quase nossas contemporâneas. Durante décadas entendida como uma ciência auxiliar da História, tornou-se gradualmente numa disciplina autónoma, a partir do momento em que os seus agentes entenderam que a arqueologia, sendo um entre os vários patrimónios, de modo algum, nem faz sentido, deveria estar desarticulada dos demais. Não deixa contudo, apesar de todas as suas valências autonómicas - na América continua intimamente ligada à Antropologia (Bahn,1997,27) - de continuar ligada à História e de, em certos aspectos, decisivamente contribuir para a sua afirmação.

A arqueologia é nos dias de hoje uma ciência partilhada, obra de uma equipa que se movimenta no domínio do inter e da transdisciplinaridade (Jorge, 1998, 13-16). Mas nem sempre assim foi. Até ao século XIX era uma actividade individual, ligada a sábios antiquários, contudo, na viragem do século, já se olhava para o passado com uma outra percepção: a visão da ciência e da sistematização. Foi neste período que figuras como Schliemann, Petrie ou Evans fizeram descolar a arqueologia de uma fase amadora, para a transformar em algo que buscava informação e respostas a perguntas específicas que inquietavam os espíritos mais lúcidos. Com a alvorada do século XX, esta tendência haveria de se solidificar graças a homens como Wheeler, Leroi-Gourhan ou F. Bordes,

* Arqueólogo. Doutor em História. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

numa ciência multidisciplinar, que abarca um sem número de matérias e frui, cada vez mais, das descobertas, últimas, das ciências tidas como exactas. A arqueologia cortou, nessa altura, o cordão umbilical com o altruísmo e a capacidade empírica dos seus agentes - médicos, sacerdotes, professores, arquitectos, eruditos - para se tornar numa ciência assente em sólidas bases científicas, ensinada nas universidades, absorvendo um grande número de técnicos que estudam, planificam e gerem um dos mais vastos e valiosos patrimónios da Humanidade.

"Uma das qualidades que a maior parte dos arqueólogos precisa de ter em abundância, independentemente da sua especialidade, é o optimismo" (Bahn, 1997, 17). A verdade desta afirmação está, consciente ou diluída, na obra dos arqueólogos que têm vindo a contribuir para que o conhecimento do passado humano do concelho de Viana do Castelo seja uma realidade. Alguns, como Figueiredo da Guerra, Abel Viana, Sousa Oliveira, Afonso do Paço, Tomás Simões, Rosa de Araújo, Leandro Quintas Neves, Luciano Santos, Salette da Ponte e Antunes Abreu, são naturais do concelho ou nele viveram largos anos das suas vidas. Outros, como Fonseca Cardoso, Possidónio da Silva, Martins Sarmiento, Leite de Vasconcelos, Albano Bellino, F. Alves Pereira, Fernando Lanhas, Mário Cardozo, C. A. Ferreira de Almeida, Armando C. Ferreira da Silva, Eduardo Jorge, Maia Marques, Brochado de Almeida, Mário Barroca, Rui Centeno e o inglês C. F. Hawkes, apesar de não estarem administrativamente a ele ligados, não deixaram de produzir obra que, em certos casos, se pode considerar notável.

A arqueologia vianense trilhou, como as outras, inicialmente os caminhos do conhecimento empírico, até ao dia em que seguiu os ditames de uma ciência, que assimila inovações, mexe com sítios, com paisagens, procura respostas para múltiplas interrogações. Mas precisemos.

Se adoptarmos os critérios dos que recentemente têm vindo a estudar a evolução da arqueologia portuguesa, diríamos que o espaço que medeia entre o séc. XVI e meados do séc. XIX, se deve considerar como pertencente aos antiquários (Lemos, 1989, 91-93; Fabião, 1989, 11-12). Regra geral o interesse

destes homens estava norteado, sobretudo, para a recolha e divulgação de objectos. Descurava-se, assim, critérios de objectividade e de discernimento científico, que a verdade histórica necessariamente exige.

Abstraíndo-nos da obra de João de Barros, que arqueologicamente ignora o concelho de Viana, restam-nos J. Contador de Argote, A. Carvalho da Costa e o P.e Luis Cardoso. Os dois primeiros estiveram, sobretudo, interessados na epigrafia, mormente a relacionada com a viação romana. Os segundos, estiveram mais voltados para a recolha de tudo o que fosse informação histórica, onde não raras vezes a componente arqueológica tinha um tratamento especial. Pertence, todavia a Contador de Argote a mais antiga referência à cidade de Carmona, o monte Carvonario do Liber Fidei (Argote, 1732-1747, 200 e 509), situado no termo de Carvoeiro com Balugães e a Carvalho da Costa a notícia dos valores patrimoniais soterrados no monte que albergou o célebre castelo, que foi cabeça da Terra de Neiva (Costa, 1872, 182). A este grupo poderemos juntar ainda um certo Pedro Couraças que em 1722 fazia referência às ruínas da "Cidade Velha" de Santa Luzia, apontando a presença de muralhas e de alicerces de casas no interior do espaço amuralhado (Couraças, 1919, 43).

A primeira tentativa de sistematizar a actividade arqueológica no concelho de Viana do Castelo, data da segunda metade do século XIX. Foi em 1876 que Possidónio da Silva iniciou um programa de escavações na "Cidade Velha" de Santa Luzia. Os seus resultados viriam a ser publicados no Boletim da Real Associação dos Architetos Civis e Arqueólogos Portugueses em 1877 (Silva, 1877). à luz dos conhecimentos da época pode-se dizer que Possidónio da Silva singrava os mesmos caminhos que os grandes investigadores europeus de então, sobretudo alemães, ingleses e franceses, começavam a desvendar muitos dos até então insondáveis mitos do Egipto, do Mundo Egeu, da Ásia Menor, evidentemente com Tróia, Micenas e Cnossos à cabeça.

Ultrapassada a fase dos antiquários e o tal período de charneira que alguns autores nacionais colocam entre 1850 e 1880 (Lemos F. S., 1989, 92), a arqueologia portuguesa estruturou-se, lançando os fundamentos de uma mais moderna investigação, na qual brilharam homens como F. Martins Sarmiento e

J. Leite de Vasconcelos. O primeiro, a partir de Guimarães, em 1884, fundou a Revista de Guimarães, marco fundamental na divulgação e investigação arqueológica portuguesa, dando especial ênfase naquela que se fazia na parte norte do país. O segundo, fundava em Lisboa, o Archeólogo Português, com uma missão bastante mais abrangente, por pretender cobrir todo o país.

A descoberta, mais que o interesse científico das ruínas, postas a descoberto, na "Cidade Velha" de Santa Luzia, deu brado. Serviram de estímulo, por exemplo, a F. Martins Sarmiento para lançar um ambicioso programa, centrado em torno da citânia de Briteiros (Guimarães), aos arqueólogos galegos com idênticas motivações para a citânia de Santa Tecla e ao poeta A. Correia de Oliveira, que na década de 20, exumou algumas casas na "Subidade" de Belinho (Esposende). Se os dois primeiros projectos, à luz da ciência arqueológica da época, se podem considerar como exemplares e conseguidos, o mesmo se não poderá do último, abandonado, quase à nascença, porque o seu promotor, passado o primeiro fulgor, voltou a trilhar o caminho para que estava efectivamente predestinado: a poesia. Por aqui se poderá avaliar como a arqueologia, nas suas primeiras tentativas em se tornar uma ciência credível, suporte basilar da História nos períodos mais recuados da Humanidade, continuava ao sabor de individualismos, de eruditos, por que não, de franco atiradores. Apesar das boas intenções, a arqueologia da época visava recolher objectos, encontrar estruturas - por favor seguia-me aquele muro - encher os museus de pedras, moedas e cacos bonitos. Seriações crono-estratigráficas e metodologias de campo que visassem a mais ampla recolha de informações, é algo que só entrará na arqueologia portuguesa, no período pós década de 50.

Um dos mais representativos nomes da arqueologia do início do século XX foi Albano Bellino, uma figura interessante no seio da arqueologia portuguesa de então. Se por um lado, ao recolher na sua casa de Braga um grande número de epígrafes e marcos miliários, assumia um papel de antiquário, pelo outro dava mostras de querer romper com a tradição, quando noticiava o aparecimento de sepulturas junto à antiga igreja da Madalena, freguesia de Areias de Vilar, concelho de Barcelos (Bellino, 1909, 25) e continuava com a investigação arqueológica na "Cidade Velha" de Santa Luzia (Viana do Castelo).

Na década de 20, aí por volta de 1924 se não estamos em erro, Albano Bellino aproveitou a facto de ter encontrado em Santa Luzia um conjunto de casas castrejas vedadas por um muro, para iniciar um programa de reconstrução que, por tão perfeito no que diz respeito à preparação, picagem das pedras e disposição helicoidal, levou muito boa gente a considerá-las como genuínas e a tomá-las como expoente da técnica castreja. Tratou-se afinal, da primeira tentativa de consolidação de estruturas, do restauro parcial de ruínas, numa clara afirmação que o visitante - a vizinhança do templo de Santa Luzia, em construção, chamava ao alto muitos devotos - tinha o direito de perceber o sentido e a funcionalidade das casas dos primitivos moradores do castro. Até nisso a "Cidade Velha" de Santa Luzia haveria de dar o seu exemplo, senão mesmo pioneira.

Figura importante na arqueologia concelhia é L. Figueiredo da Guerra, um homem que a partir de Viana do Castelo, entre 1909 e 1919, enviaria, para o Arqueólogo Português, uma série de artigos onde estão mencionados os castros da Areosa (Guerra L. F., 1909, 59-69), Cidade Velha de Santa Luzia (Guerra L. F., 1900a, 2-7), Citânia de Roques (Guerra L.F., 1900b, 2-7). Muito possivelmente o seu maior mérito esteve na redescoberta da estátua do guerreiro galaico de Meixedo (Guerra L.F., 1900b, 175-177) que desde então, pelas mais diversas razões, tem vindo a aguçar o interesse e mesmo a suscitar polémica entre arqueólogos, sobretudo entre os epigrafistas.

Dos colaboradores mais assíduos do Arqueólogo Português que escreveram sobre o litoral do Minho, destacou-se ainda e sobretudo Félix Alves Pereira, espírito lúcido e crítico, com uma ampla visão sobre o que era e deveria ser a investigação arqueológica em Portugal. Foi da sua pena que saíram alguns dos mais interessantes textos sobre a arqueologia do Vale do Lima (Pereira, 1923-1924, 251-282; 1927-1929b, 155-158; 1927-1929a, 1-51; 1934, 227-229) e alguns criteriosos estudos que ainda hoje surpreendem pela sua actualidade, como é o caso da ponte romana de Arcozelo-Ponte de Lima (Pereira, 1912, 29-35), sem esquecer as observações e comentários que teceu a propósito da ara de Estorãos (Pereira, 1907a, 36-52), da localização de Talábriga (Pereira, 1907b,

129-158) e dos guerreiros galaicos, a partir do exemplar de Meixedo ou do "Pátio da Morte" como então era conhecida (Pereira, 1915, 1-16) a estátua que está guardada no Museu Municipal de Viana do Castelo.

Relativamente pacífica é a afirmação de que foi com J. Leite de Vasconcelos e F. Martins Sarmiento que a verdadeira história da arqueologia portuguesa começou. Foi com eles que a arqueologia emergiu de um conhecimento empírico, para se alicerçar como disciplina com bases científicas. Um e outro, mais o segundo que o primeiro, dedicaram algumas páginas dos seus estudos a esta região, que é o litoral do Minho.

Se pesquisarmos os muitos artigos que escreveu e que, na sua maioria, foram publicados no *Arqueólogo Português* ou então folhearmos as páginas das *Religiões da Lusitânia*, deparamos com referências ao Castro de Roques (Vasconcelos J. L., 1917, 116-118), à Cidade Velha de Santa Luzia (Vasconcelos J. L., 1897-1905-1913, I, 280 e 380; III, 508; 1903, 15-23. Mais regionalista, mas tal como Leite de Vasconcelos senhor de uma vasta e profunda cultura clássica, foi F. Martins Sarmiento, oriundo de Guimarães, que mercê de uma inusitada curiosidade científica em torno do nosso passado remoto e da origem dos "povos lusitanos", haveria de iniciar uma profícua troca de correspondência com algumas das principais figuras da investigação arqueológica de então, nomeadamente J. Leite de Vasconcelos, com Martins Capella que na altura era professor no liceu de Viana e com o grande epigrafista alemão E. Hubner. Paralelamente haveria de promover intervenções arqueológicas que tornariam a Citânia de Briteiros no paradigma dos castros, durante uma boa parte do século XX.

Profundo conhecedor da realidade arqueológica do Entre-Douro-e-Minho do seu tempo, haveria de o percorrer incansavelmente, promovendo escavações em mámuas e "mamoinhas", recolhendo os mais variados objectos de interesse arqueológico que hoje constituem o grosso do espólio do "seu" museu. Antes de morrer, no último ano do século XIX, este fundista da arqueologia nortenha, legar-nos-ia um razoável número de artigos, postumamente recolhidos nos

Dispersos que foram editados em 1933 e cerca de um milhar de páginas manuscritas que têm vindo a ser publicadas na Revista Guimarães sob a designação de Antiqua (Sarmiento, 1986, 5-33).

Foram os estudos e investigações de F. Martins Sarmiento que trouxeram para a ribalta alguns dos castros situados na orla litoral, com especial incidência para Santa Luzia, Castro da Areosa, Cútero, Cidade de Âncora, Santo António de Afife, Montedor, Picoto dos Mouros (Sarmiento, 1933, 166; 1987-1988, 5-40; 1989, 16-66).

O declínio de arqueologia em redor do Castelo de Faria (Barcelos) é mais ou menos coincidente com o retoma do interesse pela Cidade Velha de S.ta Luzia que, entre a década de 40 e os primeiros anos da seguinte, viu ocorrer limpezas sob a égide da Direcção Geral dos Monumentos Nacionais e a estudos nos quais tomaram parte Tomás Simões Viana, M. Sousa Oliveira e Abel Viana, o mesmo que no início da década de 60 haveria de retomar o interesse pela Cidade de Âncora (Viana e Oliveira, 1954, 40-72; 1955, 541-551), cuja escavação fora iniciada por F. C. Hawkes em 1959.

Com o desaparecimento de Martins Sarmiento e do ainda jovem R. Serpa Pinto, a arqueologia desta região ficou momentaneamente orfã pois J. Santos Júnior estava mais voltado para a área transmontana e Mário Cardozo, apesar de não descurar o Norte, estava mais interessado em desenvolver uma investigação centrada em redor da Citânia de Briteiros, um pouco na linha anteriormente assumida por F. Martins Sarmiento.

Excluída a investigação que se fazia na Cidade de Âncora, na "Cidade Velha" de S.ta Luzia e no Castelo de Faria, tudo o mais girava em torno de alguns investigadores locais, sobretudo os monografistas que a pretexto de procurarem as mais remotas origens das terras que estudavam, procuravam toda a sorte de documentação arqueológica, capaz de alicerçar as suas, por vezes bizarras, teorias.

O vazio deixado pela morte de Martins Sarmiento, no final da década de 30, haveria de ser parcialmente colmatado pelo então jovem Abel Viana que cedo se apercebeu da importância que certos topónimos tinham para a detecção e

estudo da arqueologia. Datam, respectivamente de 1926 e de 1932, dois levantamentos arqueológicos, sumários sem dúvida, mas imprescindíveis para o estudo da arqueologia do Alto Minho (Viana, 1926, 88-90 e 111-113; 1932, 11-24). Se lhe juntarmos a investigação sobre a Cidade Velha de S.ta Luzia, a Cidade de Âncora, o Castro de Vilar de Mouros e Castro de Santo António de Afife, mais a divulgação de uma epígrafe que refere um certo lapidarius (Viana, 1955, 525-528), mais cientes ficamos da perda que o Alto Minho sofreu quando os seus afazeres profissionais o obrigaram a transferir-se para a região de Beja.

Abel Viana era um investigador multifacetado, avesso à teorização na opinião de Antunes de Abreu (Abreu, 1996, 67), um arqueólogo generalista como então convinha a quem se dedicava a prescutar os vestígios materiais do passado. Por isso não espanta que tenha direccionado muita da sua investigação para o estudo das antas (Viana, 1953, 481-497) e sobretudo dos materiais líticos. A ele e a Afonso do Paço muito se deve do conhecimento que havia sobre as indústrias líticas do litoral vianense - Areosa, Carreço e Perre (Viana, 1929, 24-38 e 185-212; 1939, 189-235), Paço (1929, 157-170; 1930, 214-220; 1957, 375-385) - pelo menos até ao aparecimento da tese de doutoramento de José Meireles, somente ainda policopiada e que foi presente à Universidade do Minho em 1991 (Meireles, 1991).

Interesse semelhante ao de Abel Viana, teve também Afonso do Paço, apesar da sua investigação, na região do Minho, se ter centrado em torno da Citânia de Sanfins, cujas escavações durante alguns anos dirigiu. Iniciou-se pelo estudo das indústrias líticas, mas conjugando esforços com o seu sobrinho - Afonso do Paço era natural da freguesia do Outeiro, concelho de Viana do Castelo - visitou uma série de castros situados, maioritariamente, a Norte do Rio Lima, digressão que redundaria na publicação de um pequeno inventário, dado à estampa em dois diferentes números do Arquivo do Alto Minho (Paço e Quesado, 1956, 80-90 e 168-179). Por esta mesma altura, no castro de Roques, fazia alguma investigação, um arqueólogo amador, de seu nome Leandro Quintas Neves.

A década de 60 marca uma viragem decisiva na investigação arqueológica desta região.

A partir de Braga, onde presidia aos destinos do Seminário de S. Tiago, o Cónego Luciano Santos promovia a recolha de tudo o que tivesse interesse arqueológico. O seu campo de acção era a extensa arquidiocese de Braga. O local de depósito, o futuro Museu Pio XII localizado no citado seminário. Como consequência da rede de informadores e de amigos que tinha espalhados um pouco por todo o Minho, chegaram a Braga alguns miliários da via XIX, túmulos e estelas medievais, cerâmicas castrejas e romanas e sobretudo aras. Nestas convirá referir aquela que foi recolhida na igreja paroquial de Castelo de Neiva (Viana do Castelo) e que era dedicada aos Lares Viales e uma outra de Alvarães, que uma tal Valéria Rufa dedicava a uma divindade que desconhecemos porque a epígrafe se encontra truncada.

Por esta ocasião, a partir de Viana do Castelo, um funcionário da Caixa Geral de Depósitos, de seu nome José Rosa Araújo, produzia uma série de textos de âmbito jornalístico-etnográfico (Araújo, 1982b) e lançava uma série de pistas quanto à viação romano-medieval do Alto-Minho. Assim nasciam os Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima (Araújo, 1962), um estudo de âmbito regional, bem alicerçado numa óptima pesquisa de campo, que muito ajudaria Carlos A. Ferreira de Almeida na definição de alguns traçados medievais, situados entre o Cávado e o Minho (Almeida C.A.F., 1968). O seu interesse pela arqueologia viária levá-lo-ia ainda a interessar-se pelos miliários da via XIX e pelo seu traçado (Araújo, 1982a), obra sem grandes novidades, quando comparada com os miliários inéditos da via XIX da autoria do Cónego Luciano Santos, publicados em 1979, no Arquivo do Alto Minho (Santos, 1979).

Em 1959 fazia a sua aparição no panorama da arqueologia portuguesa, com um título subordinado aos aspectos culturais dos rios da Lusitânia, Carlos A. Ferreira de Almeida, figura ímpar da nossa arqueologia contemporânea, ingloriamente desaparecido da investigação, da docência e da vida, quando muito dele ainda havia de esperar em ramos do conhecimento humano que havia aprendido a dominar como ninguém: a arqueologia, a etnografia, a etnologia, enfim a arte, um dos seus amores primeiros e, talvez, o mais duradouro.

O decisivo envolvimento de Ferreira de Almeida com os estudos arqueológicos, que ele direccionou para os vários quadrantes do seu muito querido Entre-Douro-e-Minho, ocorreu num período posterior a 1968, ano em que se licenciou com uma tese deveras significativa: *As vias Medievais de Entre-Douro-e-Minho*. Nesta obra, que somente foi policopiada, traçava o autor os itinerários das várias estradas romanas saídas de Braga - pela primeira vez se falava em 6 vias e nas omissões do Itinerário de Antonino - analisava as pontes, distinguindo-as entre romanas, medievais e modernas e traçava as diferenças fundamentais entre o conceito de viação romana e medieval. A ele ficam as gentes da Ribeira Lima e em particular as de Viana, o conhecimento aprofundado de alguns dos seus mais antigos itinerários terrestres: os romanos e os medievais, sobretudo os que conduziam até Santiago de Compostela.

Com a docência, na FLUP, de cadeiras relacionadas com a arqueologia congregará interesses, despertará o gosto pela investigação arqueológica entre os seus alunos, alguns dos quais, anos a fio, o acompanharão nas escavações que ao longo da década de 70 realizou no Castro de Fiães (Vila da Feira), em Frende (Baião), na Citânia de Sanfins (Paços de Ferreira) e no Monte Mozinho (Penafiel). Na bacia do Cávado, o seu interesse voltou-se somente para os vestígios romanos da freguesia de Martim (Almeida C.A.F., 1972a, 319-326).

As escavações da Citânia de Sanfins e sobretudo do Monte Mozinho haveriam de ser fundamentais para o relançamento da actividade arqueológica no Norte de Portugal porque, pela primeira vez, se escavava com recurso a metodologia científica apropriada e se utilizava a estratificação com base numa correcta seriação cronológica. Para a região em estudo, a pedra basilar foi a intervenção arqueológica que se realizou no Castro de S.to Estêvão da Facha, concelho de Ponte de Lima (Almeida C.A.F. et alii, 1981). Obra de referência mais que obrigatória, viria a influir no desenvolvimento e aprofundamento da investigação arqueológica nestas paragens do Minho, através daqueles que com ele colaboraram, nomeadamente Armando Coelho, Teresa Soeiro, Antunes de Abreu e nós próprios.

O apogeu da actividade arqueológica nesta parcela do Entre-Douro-e-Minho ocorreu precisamente durante a década de 80, a culminar toda uma preparação que alguns dos intervenientes tinham adquirido no contacto com as escavações lideradas por Ferreira de Almeida e, em parte, a justificar a criação da variante de Arqueologia no curso de História da FLUP. A ele se deve a transformação da arqueologia numa ciência assente em sólidas bases científicas, em que a análise estratigráfica se aliava a uma metodologia de escavação que decalcava os modelos em voga entre os arqueólogos europeus, ao rigor na recolha dos dados. Tudo isto culminava numa intensa pesquisa bibliográfica, na procura de elementos comparativos, na plena aceitação que os dados da arqueologia eram um sólido, senão mesmo, por vezes, o único suporte de uma História credível.

O único sítio onde C. A. Ferreira de Almeida escavou na Ribeira Lima, foi em Santo Estevão da Facha (Ponte de Lima). A esta estação arqueológica é hoje um paradigma na arqueologia da Idade do Ferro do Noroeste Peninsular, não só pelos resultados que produziu, mas também pelos incentivos que gerou naqueles que com ele colaboraram.

É na década de 80 que começamos a intervenção no concelho de Ponte de Lima, num vasto programa, que começaram com sondagens no Castro do Eirado (Almeida C.A.B. et alii, 1989, 281-298) para se estenderem à Cividade de Lanheses (Almeida C.A.B., 1990, 189-203) e ao Castro do Peso de Santa Leocádia de Geraz do Lima (Almeida C.A.B. et alii, 1985, 263-281), numa tentativa de aprofundarmos uma série de dados aflorados por Teresa Soeiro num artigo em que publicava uma série de cerâmicas com uma cronologia tão ampla, quanto a que medeia entre o Bronze Final e o início da Romanização (Soeiro, 1981, 99-102). Aqui, nesta estação, interviemos com Antunes de Abreu, António José Baptista e a prestimosa colaboração do pároco local, o investigador P.e Cunha Viana.

Desde a década de 80 que a actividade arqueológica no concelho de Caminha/Viana do castelo foi assumida por Armando Coelho. Foi sob a sua direcção que foram realizadas as intervenções no Coto da Pena e sobretudo na

Cividade de Âncora, uma estação arqueológica que territorialmente se encontra na fronteira com Afife do concelho de Viana. Aqui, Armando Coelho, retomava as anteriores iniciativas promovidas por C. Hawkes e por Abel Viana. Os resultados das suas intervenções vieram a ser publicados na sua tese de doutoramento que abarca o vasto período da Idade do Ferro no Norte de Portugal (Silva A.C.F., 1986). Se outras virtudes esta obra não tivesse, obviamente que as tem e muitas, bastariam os capítulos sobre a ourivesaria e sobre a organização social para se avaliar do real interesse que o estudo de Armando Coelho felizmente tem vindo a despertar. O mesmo, infelizmente, não podemos dizer da tese de A. Tranoy sobre a Gallaecia, mais especificamente sobre o povoamento indígena pré-romano, que se alicerça em bibliografia não muito actualizada e retoma mesmo teorias sobre a funcionalidade dos monumentos com forno - segundo ele teriam sido usados pelos povos castrejos como fornos destinados a cremarem os mortos - dificilmente aceites pela comunidade científica que se tem vindo a debruçar sobre esta e outras realidades da cultura castreja (Tranoy, 1981, 340-346). A este autor, conjuntamente com P. le Roux e Luciano Santos, devemos a revisão de algumas epígrafes romanas, guardadas no Museu Pio XII em Braga, com especial destaque para as de castelo de Neiva e de Alvarães.

Na década de 80, Antunes de Abreu, também ele um colaborador de C. A. Ferreira de Almeida, iniciava um projecto de investigação direccionado para a Idade Média e Moderna. Em boa hora nasceu e ganhou corpo tal ideia, porque, na verdade, em toda a Ribeira Lima a actividade arqueológica centrava-se, sobretudo, nas áreas da Proto-História e do Romano. Investigava-se em castros e villae, mas esqueciam-se os conventos, os antigos povoados de montanha, as desaparecidas igrejas, de extintas freguesias. Foi nesta linha de investigação que Antunes de Abreu interviu no Convento de S. Francisco do Monte, no Castelo de S. Tiago da Barra, na igreja paroquial de Santa Maria de Geraz do Lima - aqui em colaboração com Cunha Leal - no povoado de S. Mamede, no sítio da antiga igreja de S. João de Aster, hoje freguesia de Chafé e no da primitiva igreja da Meadela. Aqui, o autor recolheu uma preciosa ara romana com uma inscrição de difícil leitura devido ao erosionamento do campo epigráfico.

Em 1982 Eduardo Jorge Silva e Maia Marques avançavam com um projecto de investigação, actualmente abandonado, que visava fazer do Castelo de Neiva um grande centro de investigação arqueológica. Pretendiam rentabilizar antigos achados arqueológicos - dois capacetes e um conjunto de copos em bronze - e fazer do antigo castro e castelo, um ponto de referência. A ideia ganhou corpo, fizeram-se duas ou três campanhas de escavação, puseram-se a descoberto estruturas habitacionais do castro, mas não avançou nenhum programa de consolidação e revitalização (Silva e Marques, 1984,33-48). O resultado está à vista. O mato inundou o local e as ruínas ficaram mais desmanteladas. O mesmo não aconteceu, felizmente, com a antas que Eduardo Jorge Silva escavou em Afife, em S. Romão de Neiva e em Chafé, esta com um magnífico espólio do Calcolítico(Silva, 1986,207- 208).

Não poderíamos terminar esta breve abordagem ao contributo dos arqueólogos para o conhecimento de uma das mais importantes valências do património vianense, sem referirmos a obra de Mário Barroca. Este investigador, que rege a cadeira de Arqueologia Medieval na FLUP, é um dos mais genuínos discípulos de Carlos A. Ferreira de Almeida. A ele se deve o conhecimento de muitos dos túmulos medievais que se encontram dispersos pelo concelho (Barroca, 1987) e mais recentemente o estudo, na sua tese de doutoramento, ainda não publicada, sobre a epigrafia medieval, alguma da qual é pertença das gentes de Vianan do Castelo.

Nota do coordenador:

Uma impertinente modéstia costuma levar os autores a silenciar o seu trabalho. É certo que “elogio em boca própria é vitupério” como sabiamente diz o povo. Mas o Doutor Brochado de Almeida não precisa de elogios, que já é bem conhecido e apreciado. Mas este trabalho ficaria desajeitadamente imperfeito, se omitisse que Brochado de Almeida tem sido, como discípulo de C. A. Ferreira de Almeida, um dos mentores da renovação da nossa arqueologia,

particularmente da referente ao período da romanização. Muitos arqueólogos (como é meu caso) lhe devem a sua formação.

Detentor dum plano de investigação arqueológica para o período proto-histórico e romano para a bacia do Lima com inclusão do nosso concelho, de Viana do Castelo

BIBLIOGRAFIA

- ABREU, Alberto A., - 1985, *Monumentos Medievais de Viana do Castelo*, RMCV, nº 0, 1985.
- ABREU, Alberto A., - 1986, *O Castelo de S. Tiago da Barra*, Viana do Castelo, 1986.
- ABREU, Alberto A., - 1990, *1987-88: dois anos de pesquisa em Arqueologia medieval e moderna*. Separata dos "Cadernos Vianenses", Viana do Castelo, Câmara Municipal, 1990.
- ABREU, Alberto A., et al. — 1988, *A importância arqueológica do convento arruinado de S. Francisco do Monte em Viana do Castelo*. Esposende, Casa da Cultura/Biblioteca Municipal, 1988, separatas das Actas do Colóquio Manuel de Boaventura: 1985: Arqueologia, p. 153-168.
- ABREU, Alberto A., - 1996, *Relendo a "Arqueologia prática"*. "Cadernos Vianenses", Viana do Castelo, 20, p. 63-72.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, - 1982, *Castelo de Neiva*, BCE, 1, 1982.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, - 1990, *Proto-História e Romanização da Bacia Inferior do Lima*, ER, 718, 1990.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de, et alii, - 1985, *Relatório das Escavações do Castro do Peso*, CV, 9, 1985.
- ALMEIDA, Carlos A. Brochado de; ABREU, Alberto A., 1988, *Carta Arqueológica de Viana do Castelo*. Viana do Castelo: Câmara Municipal, 1988. – 133 fichas soltas.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de, - 1968, *Vias Medievais de Entre-Douro-E-Minho*, (policopiado) FLUP, Porto, 1968.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de, et alii, - 1981, *Escavações Arqueológicas do Castro de Stº Estevão da Facha*, APL, 1981.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de, - 1980, *Importantes objectos em bronze de Castelo de Neiva*, Arqueologia, 2, 1980.
- ALMEIDA, C. A. Ferreira de, - 1988, *A Arte da Alta Idade Média*, in *História da Arte em Portugal*, Publ. Alfa, Mem Martins.
- ARAÚJO, José Rosa de, - 1934, *O Cemitério Bárbaro de Vila Mou*, Viana do Castelo, 1934.

- ARAÚJO, José Rosa de, *Estudos de Cerâmica Castreja – Perre*, AAM, 2, 1948.
- ARAÚJO, José Rosa de, - 1960-61, *Sobre Algumas Pedras de Vila Mou*, BA, 11-12 (1-4), 1960-61.
- ARAÚJO, José Rosa de, - 1968, *Caminhos Velhos e Pontes de Viana e Ponte de Lima, Viana do Castelo*, 1968.
- BAHN, Paul, - 1997 *Arqueologia: uma breve introdução*, Lisboa, 1997.
- BAPTISTA, Ivone, *Arte Rupestre de Carreço*, CER, 3, 1986.
- BARROLA, Mário Jorge, - 1987, *Necrópoles e Sepulturas Medievais de Entre-Douro-E-Minho*, (policopiado), FLUP, Porto, 1987.
- BARROS, João de, - 1919, *Geografia de Entre-Douro-E-Minho*, Porto, 1919.
- BELLINO Albano, - 1902, *A Cidade velha de Santa Luzia*, AL de 19-9.1902.
- BELLINO Albano, - 1909, *Cidades Mortas*, AP, 14, Lisboa, 1909.
- CARDOSO Fonseca, - 1987, *Pedras com insculpturas nos arredores de Viana do Castelo*, AP, 3, 1897.
- CARDOZO, Mário, - 1934-36, *Machadinhas Castrejas*, RA, 3, 1934-36.
- COSTA, A. Carvalho da, - 1702, *Chronographia Portugueza*, I, Lisboa, 1702.
- COURAÇAS, Pedro de Almeida, - 1919, *Fenis Viannesa ou Vianna Renascida em o Átrio*, Lusa, 3 (4), Jul. 1919.
- GUERRA, L. Figueiredo, - 1877, *Esboço Histórico: Viana do Castelo*, Coimbra, 1877.
- GUERRA, L. Figueiredo, - 1900, *Lima e Brutóbriga*, AP, 5, 1900.
- GUERRA, L. Figueiredo, - 1909, *O Castro da Areosa*, AP, 12, 1909.
- GUERRA, L. Figueiredo, - 1910, *Limia e Brutóbriga*, APL, 4, 1910
- GUERRA, L. Figueiredo, - 1910, *Vestígios Romanos no Concelho de Viana do Castelo*, AP, 5, 1910.
- JORGE, Vítor Oliveira de, - 1982, *O Megalitismo do Norte de Portugal: o distrito do Porto – Os monumentos e a sua problemática no contexto europeu*, (policopiado), FLUP, Porto, 1982
- JORGE, Vítor Oliveira de, - 1998, *Instituto Português de Arqueologia (IPA): Um projecto para renovar a administração da arqueologia nacional*, in “O Archeólogo Português” Encontros Cem anos de arqueologia, Vila do Conde, 1998.
- LANHAS, Fernando, - 1970, *As Gravuras Rupestres de Montedor*, RE, 26, 1970.
- MARQUES, Silva, - 1985, Marques, J. Maia; Silva, E. J. Lopes da, *Castro de Moldes (Guillete)* – 1982, IA, 5, 1985.
- MEIRELES, - 1981, J., *As Indústrias líticas pré-históricas do litoral minhoto (Portugal) no seu contexto Crono- Estratigráfico e Paleoambiental*, (policopiado), U. do Minho, Braga, 1991.
- NEVES, L. Quintas, - 1942, *Para a carta arqueológica do Minho, degondo num inquérito. O Castro do Monte dos Santinho ou Roques (Viana do Castelo)*, DM de 27.2.1942

e 12.4.1942.

- NEVES, L. Quintas, - 1948, *Na Citânia de Roques – A Boca da Serpe*, AAM, 2, 1948.
- NEVES, L. Quintas, - 1965, *Os Castros do norte de Portugal*, Lucerna, 4, 1965.
- NEVES, L. Quintas, - 1959, *O Castro do “Santinho” ou Roques no termo de Viana do Castelo*, AMCNA (I), 1, 1959.
- OLIVEIRA, M.S., - 1954, “*Cidade velha*” de Santa Luzia, RG, 64, (1-2), 1954.
- PAÇO, Afonso do, - 1929, *A Estação Paleolítica de Carreço*, Brotéria, 10 (3), Lisboa, 1929.
- PAÇO, Afonso do, - 1930, *A Estação Asturiense de Carreço*, Brotéria, 10 (3) Março; 10 (4) Abril, 1930.
- PAÇO, Afonso do, - 1970 – 71, *Trabalhos de arqueologia de Afonso do Paço (1929 – 1968)*, AAP, 2, 1970-1971.
- PAÇO – Quesado, - 1956, Paço, Afonso do; Quesado, Aníbal do Paço, *Digressões arqueológicas pelo Alto-Minho*, AAM, 6 (1) (2), 1956.
- PAÇO – Quesado, - 1957, Paço, Afonso do; Quesado, Aníbal do Paço, *Considerações acerca de algumas cerâmicas dos castros de Perre e Nogueira (Viana do Castelo)*, CLEPC, 23, 7ª sessão, Coimbra, 1957.
- PAÇO, Afonso do et alii, - 1956, *Estação Paleolítica de Perre (Viana do Castelo)*, CLEPC, 23, 1956.
- PEREIRA, F. Alves, - 1906, *Um Gróvio autêntico*, AP, 11, 1906.
- PEREIRA, F. Alves, - 1907, *Ara Celtibérica da época romana - um novo génio*, AP, 12, 1907.
- PEREIRA, F. Alves, - 1910, *As habilitações castrejas do norte de Portugal. Uma hipótese da sua reconstituição*, Limia, 1 (1), Out., 1910
- PEREIRA, F. Alves, - 1915, *Novas figuras de guerreiros lusitanos descobertos pelo Dr. Figueiredo da Guerra*, AP, 20, 1915.
- PONTE, Salette da, - 1981, *Quatro fibulas da Citânia de Santa Luzia*, Nímia, 2ª série, 4 (5), Braga, 1981.
- SANTOS, L. A. dos, s/d, *A propósito de uma ara inédita dos lares*. AAM, 1, s/d.
- SANTOS – Roux – Tranoy, - 1983, Santos, L. ; Roux, P. le; Tranoy, A.; *Inscrições romanas do museu Pio XII em Braga*, BA, 37, Braga, 1983.
- SARMENTO, F. Martins, - 1888, *Antigualhas*, R6, 5, 1888.
- SARMENTO, F. Martins, - 1933, *Os Dispersos*, Coimbra, 1933.
- SILVA, A. C. Ferreira da, - 1986, *A Cultura Castreja no noroeste de Portugal*, Paços de Ferreira, 1986.
- SILVA – Marques, 1984, Silva, E. J. Lopes da; Marques, José Augusto T. Maia, *Escavação no Castro de Moldes*, Castelo de Neiva – Viana do Castelo, CV, 8, 1984.
- SILVA – Marques, 1984, Silva, E. J. Lopes da; Marques, José Augusto T. Maia, *Escavação de uma cista em Lordelo (Anha – Viana do Castelo)* RHUL, 1, 1984

- SILVA – Marques, 1986, Silva, E. J. Lopes da; Marques, José Augusto T. Maia, *Escavações da mamoa de Chafé – Viana do Castelo (Notícia preliminar)*, Arqueologia, 13, Porto, 1986.
- SILVA, Possidónio, - 1877, *Monte de Santa Luzia (Viana do Castelo)*, BRAACAP, 2ª série, 2 (3), 1877.
- SOEIRO, Teresa, - 1981, *O Castro do Peso em Srª Leocádia de Geraz do Lima*, Arqueologia, 3, Porto, 1981.
- TRANOY, A., - 1981 *La Galice Romaine. Recherches sur le Nord-Ouest de la Peninsule Ibérique dans l'Antiquité*, Paris, 1981.
- VASCONCELOS, J. Leite de, - 1913, *Religiões da Lusitânia*, (3), Lisboa, 1913.
- VASCONCELOS, J. Leite de, - 1903, *A Cidade velha de Santa Luzia*, AP, 8, 1903.
- VASCONCELOS, J. Leite de, - 1917, *Coisas Velhas*, AP, 22, 1917.
- VIANA, Abel, - 1926, *Através do Minho, II – A exploração metódica dos nossos castros*, GM, 6 1926; 7, 1926.
- VIANA, Abel, - 1929, *A Estação Asturiense de Areosa, Viana do Castelo, Portucale*, 2, 1929.
- VIANA, Abel, - 1932, *Justificação de um cadastro de monumentos arqueológicos para o estudo da Arqueologia do Alto Minho*, ADVC, 1, 1932.
- VIANA, Abel, - 1937, *Achados Arqueológicos no Monte de Santo António – Afife*, TAAP, 3, 1937.
- VIANA, Abel, - 1939, *Estação Paleolítica do Alto-Minho, Portucale*, 3, 1939.
- VIANA, Abel, - 1940, *Arqueologia do Alto-Minho, NV, de 26-12-1940*.
- VIANA, Abel, - 1955, *Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal)*, Zephyrus, 6, Salamanca, 1955.
- VIANA, Abel, - 1955, *Covas da Moura, Carreço, Viana do Castelo*, III CNA, 1953 (Actas), Zaragoza, 1955.
- VIANA, Abel, - 1955, *Um “lapidarius” de Afife (Viana do Castelo)*, III CNA, 1955.
- VIANA, Abel, - 1960, *Insculturas Rupestres do Alto Minho (Lanhelas – Carreço - Viana do Castelo - Portugal)*, BCMO, 20, 1960.
- VIANA, Abel, - 1960 - 61, *Cividade de Âncora. Notícia sobre a actividade de II Campo Internacional de Trabalho Arqueológico promovido em 1960 pela Associação Académica de Coimbra*, Conímbriga, 2-3, 1960-1961.
- VIANA, Abel, - 1962, *Algumas lições elementares de arqueologia prática*, Beja, 1962.
- VIANA, Abel, - 1962, *Cividade de Âncora: sua importância. Explorações de 1960 e 1961*, Lucerna, 3, Porto, 1963.
- VIANA A. – Oliveira, - 1954, Oliveira, M. de Sousa, “Cidade velha” de Santa Luzia, RG, 64 (1-2). Jan-Jun 1954.

- VIANA A. – Oliveira, - 1955, Oliveira, M. de Sousa, *Sobre a Citânia de Santa Luzia (Viana do Castelo, Portugal)*, III CNA, Galicia, 1955.
- VIANA Tomaz Simões – 1930, *Estações Paleolíticas da Abelheira e Meadela (Viana do Castelo)*, Almanaque de Ponte de Lima, 8, 1933.
- VIANA Tomaz Simões – 1935-38, *A Árvula de Santa Luzia, AM, I, 1935-38.*
- VITORINO, P. – 1929, “Cidade Velha” de Santa Luzia (Viana do Castelo), *Portucale*, 2, 1929.

ABREVIATURAS

REVISTAS

- AAM – Arquivo do Alto Minho, Viana do Castelo.
- AAP – Associação dos Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- ADVC – Anuário Distrital de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- AM – Alto Minho, Viana do Castelo.
- AM CNA(I) – Actas e Memórias do I Congresso Nacional de Arqueologia, Lisboa.
- AMSAEP – Actas e Memórias de la Sociedad Española de Antropología y Prehistoria, Madrid.
- APL – Almanaque de Ponte de Lima, Ponte de Lima.
- AP – Arqueólogo Português, Lisboa.
- ASANP – Actas do Seminário de Arqueologia do Noroeste Peninsular, Guimarães.
- BA – Bracara Augusta, Braga.
- BBMVC – Boletim da Biblioteca Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.
- BCE – Boletim Cultural de Esposende, Esposende.
- BRAACAP – Boletim Real Associação dos Architectos Civis e Arqueólogos Portugueses, Lisboa.
- CER – Centro de Estudos Regionais, Viana do Castelo.
- CLEPC – Congresso Luso-Espanhol para o Progresso das Ciências, Coimbra.
- CV – Cadernos Vianenses, Viana do Castelo.
- GM – Gente Minhota, Braga.
- IA – Informação Arqueológica, Lisboa.
- RFL – Revista da Faculdade de Letras, Porto.
- RG – Revista de Guimarães, Guimarães.
- RHUL – Revista de História da Universidade Livre, Porto.
- RMVC – Revista Municipal de Viana do Castelo, Viana do Castelo.

JORNAIS

- AL – Aurora do Lima
- DM – Diário do Minho